

**A GRAMÁTICA E SEU
INTERFACEAMENTO COM OS
CAMPOS DE ATUAÇÃO NA
COMUNIDADE**

Maria Helena de Moura Neves
Diana Luz Pessoa de Barros
(Org.)

**CULTURA
ACADÊMICA** 

Editora

Copyright © 2017 by FCL-UNESP Laboratório Editorial
Direitos de publicação reservados a:
Laboratório Editorial da FCL

Rod. Araraquara-Jaú, km 1
14800-901 – Araraquara – SP
Tel.: (16) 3334-6275

E-mail: laboratorioeditorial@fclar.unesp.br
Site: <http://www.fclar.unesp.br/laboratorioeditorial>

A gramática e seu interfaceamento com os campos de atuação na comunidade /
Organizado por Maria Helena de Moura Neves ; Diana Luz Pessoa de
G745 Barros. – São Paulo, SP: Cultura Acadêmica, 2018.
288p. ; 21 cm. - (Série Trilhas Linguísticas; 31)

ISBN: 978-85-7983-976-4

1. Gramática – Estudo e ensino. 2. Língua portuguesa - Ensino.
3. Gramática aplicada. I. Neves, Maria Helena de Moura. II. Barros, Diana
Luz Pessoa de. III. Série.

CDD 469.8

A AUSÊNCIA DE UMA GRAMÁTICA DE USOS EM PORTUGUÊS EUROPEU – SUBSÍDIOS PARA A SUA CONSTRUÇÃO

Isabel Margarida Ribeiro de Oliveira DUARTE

Introdução

A Pragmática e a Análise do discurso são apenas duas das abordagens que hoje descrevem os usos do sistema e não o sistema em abstrato, desligado das condições reais da sua utilização. As orientações teóricas que estudam o uso, defendendo que «[...] uma língua enquanto sistema é indissociável da sua função comunicativa.» (MATOS, 2008, p.391), não produziram ainda, em Portugal, resultados traduzíveis em boas descrições em número suficiente, contrariamente ao que acontece no Brasil, por exemplo. São escassos os trabalhos, baseados em *corpora*, que se debruçam sobre os usos da língua e mais raros ainda os que se ocupam das produções orais, nomeadamente interacionais e informais¹. Vamos ater-nos, concretamente, ao recenseamento de alguns fenómenos que se verificam na conversa informal oral, salientando, com Bloomaert e Varis (2015), a importância do *small talk* para a vida social. Tendo

¹ Basta analisarmos a recente gramática da Fundação Gulbenkian (RAPOSO et al., 2013) para verificarmos como continua a faltar-nos um estudo sistemático dos usos efetivos da língua em diversas situações.

em conta o ponto da situação feito por Johnen (2012), o objetivo deste trabalho será avançar com algumas áreas possíveis de análise, já que o elenco das descrições existentes, realizado pelo autor, confirma a sua escassez².

Com base num *corpus* em construção, no Centro de Linguística da Universidade do Porto, de gravações e transcrições de conversas orais informais, faremos um levantamento de alguns tópicos linguísticos e discursivos que merecem posterior análise, numa gramática de usos a fazer. Defenderemos a importância dessas descrições, cruciais quer para o ensino do Português como Língua Materna quer, sobretudo, como Língua Estrangeira, bem como para o campo da tradução e o dos estudos comparatistas, por exemplo, entre línguas românicas ou até, mais especificamente, entre diferentes variedades do português.

Os fenómenos reportoriados relevam da coconstrução do sentido e são marcas do desejo de cooperar dos enunciadores, que colaboram entre si. No género discursivo selecionado para análise, é facilmente atestável essa coconstrução do sentido, havendo igualmente marcas abundantes de mecanismos variados de modalização do dito, com atenuação ou intensificação de certos elementos, devidas a estratégias persuasivas dos locutores. Por meio desses recursos linguístico-discursivos, os interlocutores argumentam, aproximando-se ou distanciando-se do dito, validando de forma mais forte ou mais débil o conteúdo proposicional veiculado pelos seus enunciados, procurando cooperar com o outro, orientá-lo ou convencê-lo. Iremos referir, brevemente, alguns desses recursos, pouco estudados ainda em Português Europeu.

O *corpus* de conversas informais gravadas e respetivas transcrições estava a ser construído no Centro de Linguística da Universidade do Porto, adotando as normas VaLesCo (BRIZ, 2002). Como Sandré (2013) afirma, o facto de se utilizar convenções mais ou menos pormenorizadas de transcrição depende dos objetivos do estudo. Dado que estamos a analisar discurso oral plu-

² Com exceção dos estudos de Maria Helena Carreira, Ana Cristina Macário Lopes, Aldina Marques, Felicidade Morais e poucos mais autores.

rilogal num registo informal, as normas de Valência parecem-nos adequadas, porque, sendo muito completas, permitem ter em conta uma grande quantidade de variáveis³. As conversas são gravadas sem conhecimento prévio dos intervenientes, mas com consentimento posterior e têm cerca de 30 minutos cada.

Alguns recursos a estudar em conversas informais

Num primeiro momento, vamos referir, brevemente, exemplos de fenómenos linguístico-discursivos, para o PE, que decorrem do próprio género conversa informal e que são mais ou menos comuns às conversas espontâneas e familiares em outras línguas, sinais de planificação local, como repetições, hesitações, mudanças de rumo discursivo, prolongamento vocálico, incompletudes de vários tipos (de frase, de palavra) que resultam de um discurso simultaneamente planificado e produzido em voz alta, como por exemplo as repetições de (1), que não revelam qualquer intencionalidade comunicativa da parte do locutor :

- (1) pediu-me no hospital / senhor padre peça a Deus /// peça a Deus queee

Também as frases incompletas, nalguns casos, traduzem um discurso que se está a planificar (i), como em (2), em que o locutor A é interrompido (ou se interrompe a si próprio) frequentemente. A interrupção de B segue-se a uma hesitação de A (cf. a repetição (no fim no fim)) e é uma interrupção cooperativa, que visa fazer avançar a conversa:

- (2) A: pois/// atão? (SUSPIRO)/// pus isto aqui depois os tópicos que tu deste só mudei ao último acho que fazia mais sentido dizer que (()) no fim no fim§
B: §no / okayy isto era o que tu tinhas

³ São as normas utilizadas no projeto Es.Por.Atenuación, que visa estudar fenómenos de atenuação em Português Europeu e Português Brasileiro, assim como no espanhol dos diferentes países hispanófonos.

Mas, como sabemos, não é necessário completarmos todas as ideias e as frases correspondentes, sobretudo numa conversa espontânea. Como temos tentado mostrar noutros trabalhos, dado que os interlocutores partilham a mesma situação enunciativa e, muitas vezes, os mesmos conhecimentos do mundo, produzem, sem grande esforço cognitivo, inferências que lhes permitem preencher as falhas aparentes de informação (ii), como no exemplo (3). É fácil depreender o final da segunda intervenção de A que esse locutor não chega a produzir: «dum momento p(ara)o outro adoece gravemente».

- (3) A: indícios / nem vê-los
B: não não
A: e depois dum momento p(ara)o outro
B: não / não tebe nenhuns // foi como te disse/// foi jantar co(m) umas amigas

Como refere Voghera (2012, p.360), para o uso de expressões vagas, também os enunciados incompletos, cujo sentido o alocutário infere e completa com facilidade, são formas de “[...] ottenere un buon equilibrio tra costo energetico e beneficio comunicativo.”

De frases incompletas (iii), com uma dada entoação, decorre ainda um efeito de intensificação do dito como em (4), porque a ausência de predicativo do sujeito, no enunciado em apreço, sugere reforço:

- (4) aaaa [a constipaÇÃÃO]
[AI eu andeeei] (= andei muito mal)

A intensificação, porque revela a posição do locutor face ao dito, testemunhando uma intenção comunicativa de reforço, merece particular atenção. É muitas vezes também fonética e manifesta-se pelo alongamento das vogais ou entoações próprias. O alongamento não decorre, nesses casos, da hesitação na produção da cadeia discursiva, mas de o locutor querer enfatizar um dado elemento do

discurso. Frase incompleta e prolongamento vocálico colaboram na intensificação, nos exemplos seguintes:

- (5) eles riiiiam-se (= riam-se muito)
- (6) e taba lá uma rapariga que can taaa ba ↓ Rafael °(que coisa bonita)° que boz bonita eu assim // *ai dona Alice esta rapariga é que canta bem* //
- (7) ele éeeee / impossível (é muito impossível = insuportável)

Outra forma de intensificação decorre do uso de expressões através das quais o locutor comenta o seu próprio dizer, assim dando conta, ao alocutário, da impressão forte que os factos narrados provocaram: “vou-te dizer”, “eu digo-te” “foi como te disse”, “estou-te a dizer”, etc.. São elementos metaenunciativos de que fala Hilgert (2012) e a que voltaremos.

- (8) =qu(e)eu agora não me lembro do nome do cantor// ai eu digo-te as pessoas chorabam// aquilo// depois tebe uma mensagem do sobrinho
- (9) eee mas era assim músicas que vou-te dizer / só daba bon-tade de chorar.

Quantificadores universais (sobretudo “cada” e “tudo”) também são usados em frases exclamativas, com o intuito de intensificar, de superlativar:

- (10) era ca da bom ba / era ca da ca rro/ era cada empresário / só gente de –
- (11) e isto tem certificado e tudo
- (12) e por acaso (es)tão-lhe bem ela diz que são confortáveis e tudo/ ainda bem///

Tal como Pop (2012, p.91) refere para o romeno, também encontramos “[...] des exclamations à fonction de superlatif [...] indiquant un degré maximal.”:

- (13) A: o anel é es pe ta cu lar / só que
B: ah não / Deus me libre / Rafael
A: pronto
B: não não
A: mas o anel é espetacular
B: é/ mas é muito caro /Deus me libre

Entre outras funções que não referiremos, os diminutivos, habitualmente atenuadores, podem, paradoxalmente, ter a função de intensificar, como em (14):

- (14) [eu o ano passado] andei [desesperadinha // dois MEses!]
[= muito desesperada].

Já no que concerne à atenuação (BRIZ, 2013), iremos dar, como exemplo, o diminutivo atenuativo, abundante no *corpus*, que mitiga atos diretivos como pedidos e ordens, caso de (15), em que o locutor pede comida, de (16), um ato justificativo através do qual o locutor se desculpa da acusação de ter bebido demasiado, argumentando que bebeu pouco ou de (17) em que o locutor recebe um presente com defeito e, para não violar o Princípio da Cortesia (LEECH, 1983), atenua esse defeito através do diminutivo. Em (17), a atenuação de cortesia decorre também do uso de «tipo», aqui usado como aproximador (MARQUES, 2014; VOGHERA, 2012; MIHATSCH, 2015):

- (15) pode ser mais este bocadinho
(16) ele bebeu quase tudo sozinho / eu só bebi dois copitos /
nem isso//
(17) B: pois / o que fica ée tipo defeito / não é? [taba à procura
da palavra // às bezes qualquer ((coisa/ uma)) coisinha de
nada]

A modalização do dito resulta, muitas vezes, em atenuação da força ilocutória assertiva. Algumas expressões hoje fixas estão, talvez, em vias de gramaticalização sendo a mais frequente «se calhar» + indicativo (MARQUES, [201-]). Encontramos esta expressão (literalmente: se acontecer, talvez) dezanove vezes, só em duas das conversas transcritas de cerca de meia hora cada. A expressão visa atenuar a força da asserção, sinalizando que o locutor não quer garantir ou validar totalmente o conteúdo proposicional dos atos de fala produzidos.

(18) calçado de marca e eles se calhar compravam

Outras expressões sinónimas aparecem também, tornando mais fraco o grau de assertividade do enunciado que antecedem “às tantas” + indicativo (sem sentido temporal, mas equivalendo a provavelmente, talvez) e “é capaz” sobretudo como resposta a uma asserção, pretendendo mostrar que a adesão do locutor ao que foi dito não é incondicional.

Como afirma Marques (2014, p.96), “Tendo em conta a heterogeneidade e complexidade dos discursos, a modalização tem de ser relacionada com outras vertentes como a construção de tarefas discursivas ou a gestão da relação social e interpessoal.” Também a vagueza, configurada, por exemplo, pelo uso de “tipo” como aproximador, pode atenuar um ato assertivo. No caso de (19), também o verbo modal «dever» contribui para o mesmo efeito atenuador.

(19) L: [↑eu inda gostei mais] do que da [catequese]

A: [deve ser tipo jobens im grupo]/ jobens// [↓grupos de jobens]

No *corpus* analisado, há uma grande quantidade de fenómenos de vagueza informativa, de que daremos alguns exemplos. Normalmente, numa interlocução espontânea, os interlocutores não têm necessidade de informações muito precisas. Quando enumera, por exemplo, é frequente o locutor resumir os elementos do

final da lista; utiliza mesmo neologismos de tipo onomatopeia para tentar resumir as palavras de outros quando são vazias e repetitivas, com em (25), por meio de expressões como: que eu sei lá o quê, e não sei quê, e tal, e mais não sei quê, o coisa, coisar, numa coisa qualquer, e tal e agora, raunhaunhau beca beca e não sei quê, e tudo e mais alguma coisa, isto, ou porque não sei quê, ou coisa assim, etc.

Emprega léxico vago, como “coiso”, “coisar” quando lhe falta a palavra precisa e pensa que o alocutor vai adivinhar, sem muito esforço cognitivo, a que se está a referir:

- (20) aquilo apanha-se o coisa / não é de [seere/// o coisa/ ela é///e depois// a- a- miúda (()) andaba]
- (21) [porque depois] s(e) ele te [cortar o coisa] ficas pior
- (22) não// olha/ t- ((ele)) é tanto guardanapo qu(e) há p(a)ra lá/ tanto guardanapo// aa ((e coisa))// olha/ e trouxe [esta/ eu não]
- (23) e-e-e não é?/ e depois é filha do aa Passos Coelho/ além de ser bigário// não é?// o pessoal é coisa/// é assim filha/ bou-me embora.
- (24) dá/// dá p(a)ra lebarem a vida direitinha // num dá p(a)ra /// [coisar muito]
- (25) e qual era o tipo de trabalho / e qual era o tipo de horário e remuneração e raunhaunhau beca beca e não sei quê não sei quê//
- (26) assim assim por exemplo aaa ligar à mãe conversar sobre isto isto e isto / ir às compras comprar isto isto isto /

Em situações de interação, os elementos metaenunciativos testemunham a construção do sentido e o desejo do locutor de ser entendido (HILGERT, 2012). Dentro deles temos, por exemplo, os reformuladores (melhor dizendo, quer dizer, etc.), por meio dos quais o enunciatador tenta fazer-se compreender mais adequa-

damente pelo alocutário (27-28) ou retifica uma informação sua anterior (29):

- (27) Tinha ali uma loja só de calçado de marca/ aa /olha melhor dizendo ela começou com uma loja no- no- no-Centro Comercial/ Santo António/ [lá]
- (28) Às tantas as coisas não batem certo/ quer dizer as pessoas fazem tudo eee e-e-é-e às ee às vezes acabam /// [aa /acabam assim]
- (29) e depois vou pra cima por aí no dia 2 ou 3 ah/ não/ mentira/ domingo// dia 1 é quinta certo?

Também os marcadores discursivos indicam caminhos para que o alocutário calcule as inferências que o locutor pretende que ele faça. São um dos itens mais estudados no que concerne à conversa espontânea (e não apenas) e colocam problemas não só ao ensino de línguas estrangeiras, mas também da tradução⁴. Mas os marcadores discursivos e partículas enunciativas foram pouco estudadas em PE⁵, o que coloca problemas quando se trata de fazer estudos comparatistas. Estamos a falar de marcadores discursivos no sentido de Zorraquino e Portolés:

Los marcadores del discurso son unidades lingüísticas invariables, no ejercen una función sintáctica en el marco de la predicación oracional –son, pues, elementos marginales– y poseen un cometido coincidente en el discurso: el de guiar, de acuerdo con sus distintas propiedades morfosintácticas, semánticas y pragmáticas, las inferencias que se realizan en la comunicación. (MARTIN ZORRAQUINO; PORTOLES LAZARO, 1999, p.4057).

⁴ Num *corpus* de traduções literárias, já confrontamos alguns marcadores que se assemelham aparentemente em português e espanhol, mas, na verdade, se comportam de forma muito diferente nas duas línguas, a saber “aliás” e “assim mesmo” e “asimismo” e notamos algumas imprecisões cometidas pelos tradutores que não conhecem o valor pragmático dos marcadores em causa (DUARTE; PONCE DE LEÓN, 2013, 2015).

⁵ Com exceção dos vários trabalhos de Ana C. Macário Lopes e Felicidade Morais.

A falta de estudos sobre estes elementos em PE explica-se por terem sido considerados marginais, apesar do papel importante que desempenham não apenas do ponto de vista pragmático, mas, mais concretamente, da argumentação discursiva. Se é verdade que os *corpora* de conversações orais não têm muitos conectores e as relações entre elementos são sobretudo elípticas (POP, 2012), pelo contrário, os exemplos de marcadores dialogais são muito numerosos no *corpus* estudado.

Na sequência dos estudos de Pop (2014), defendemos que os diferentes marcadores de estruturação, tal como os seguintes, que encontramos no *corpus* - espera lá, pá, opá, epá, pois, enfim, pronto, num é?, sabes, lá está, vá lá, olha, tipo, do género, tás a ber?⁶ -, deveriam ser preferencialmente estudados nas suas diversas funções.

Continuam a interessar-nos as partículas cá e lá (sobretudo lá) (DUARTE; MARQUES, 2014) quando esses elementos não têm valor déictico. Empregam-se para atenuar ou para intensificar, mas também para negar, como na expressão “sei lá” que quer dizer “não sei” e é muito frequente no *corpus*. Mas também nos interessa a sua função de tematização (e lá da toalha / não se volta a falar).

Uma outra questão que tem sido pouco estudada no género conversa informal (MARQUES, 2015; DUARTE; CARVALHO, 2016; DUARTE; SILVA, [20-]), é a do relato de discurso em discurso direto que se introduz na conversa espontânea como forma de argumentar, como paródia ao enunciador, ou para dramatizar o discurso, tornando-o mais verosímil. A forma como esse relato é introduzido difere do que acontece no texto escrito. Às vezes, as palavras “reproduzidas” são imaginárias, não tendo sequer sido pronunciadas (exemplo (30), em que os pensamentos atribuídos a um dos locutores e relatados em discurso direto o são primeiro por um interlocutor (B), e depois pelo outro (A), que prossegue):

⁶ Trata-se de “[...] *les formules interlocutoires de confirmation, de questionnement et de réfutation (c'est-à-dire des signaux d'écoute).*” de que fala Johnen (2012, p.317) e que são polifuncionais (MAURY-ROUAN, 2001).

- (30) B: e eu disse *é e se calhar um dia destes benho buscar umas castanhas / que a minha filha quer umas castanhas //* e ela lá pensou assim *oh bou-lhe fazer binte por cento* (RISOS)
A: *e depois ela vem mesmo aqui*

Frequentemente, o discurso alheio não é antecedido por qualquer verbo *dicendi* e a voz do relator imita uma outra, a do locutor relatado (ver 31 e 32, bons exemplos de “syntaxe dialogale”: “Les énoncés [...] se complètent à travers des tours de paroles pour former une intervention.” (SLAMA-CAZACU apud POP, 2012, p.86, nota de rodapé). O verbo mais usado para introduzir as palavras relatadas é “dizer” (sendo o prefixo metadiscursivo muitas vezes diz + sujeito, com inversão) mas há outras fórmulas para introduzir as palavras do outro: e a mãe/ e eu/ e a mãe, tipo / e ela / e vai ela / eu assim.

- (31) B: [o-olha] a minha irmã Alexandrina preocupava-se mais do qu(e)a patroa// uma bez e- ela taba cheia de preessa/ tinha d(e) entregar as encomendas /*ai ((andai rápido))* a minha irmã Alexandrina/ *eu não sei trabalhar rápido*

A: (pois)

B: *eu sei trabalhar com condições / ai mas (es)tamos à espera de não sei quê*// as outras- olha/ a minha irmã fez/pronto/ só o da minha irmã é que não foi debolbido.

Em (31), B imita, primeiro, a patroa da irmã e, depois, a resposta que esta lhe dá. Após o comentário de A («pois» é uma partícula de contacto), o relato do discurso da irmã de B continua e, sem transição, B volta a relatar, em discurso direto, palavras da patroa. Em (32), a locutora (Fatinha) imita e reproduz primeiro o seu próprio discurso (introduzido por «eu assim») e depois a resposta que a interlocutora (Dona Alcinda) lhe dá («diz ela»).

- (32) que boz bonita eu assim // *ai dona Alcinda esta rapariga é que canta bem*// diz ela é- *ela é uma grande amiga dela /*

*mas esta rapariga canta em muitos casamentos e muito sítios /
a Fatinha não a conhecel*

Relevando embora da relação entre interlocutores, mas de um outro tipo de questões, a das formas de tratamento, é interessante podermos atestar o emprego frequente do pronome da 2ª pessoa do plural “vós”, aparentemente desaparecido da norma padrão, e que já nem se ensina em aulas de Português como Língua Estrangeira. Em todas as conversas gravadas e cujos interlocutores são de origem popular e habitam em Guimarães e Santa Maria da Feira, por exemplo, o “vós” é normal como forma de alocação para a 2ª pessoa do plural:

(33) ide bós⁷ / duas [atão]

(34) eu num ouço o qu'ele diz/ bós tais bós a falar / eu num consigo oubir

Não tendo o objetivo de recensear fenómenos atinentes ao léxico, até por serem mais estudados, vale a pena, no entanto, referir algumas expressões coloquiais cujo valor não é habitualmente considerado. O léxico informal é frequente nas conversas espontâneas prototípicas, embora espontaneidade não implique informalidade. Como sublinha Carreira (2012, p.31), língua oral informal não é sinónimo de “[...] langue relâchée.” Nestes usos menos formais, temos mais truncação (negas, profes). Temos traços que pertencem a variedades populares, como “botar”⁸, palavras que pertencem ao léxico juvenil (cromo) ou que foram importadas de África, como “bué”, que um dos interlocutores, originário do sul do país, emprega constantemente.

Quer o léxico quer algumas expressões fixas são típicos do dialeto do Norte, como acontece com “canalha” enquanto sinónimo de grupo de crianças e sem o sentido pejorativo que tem na norma. Quanto a expressões fixas, há algumas que não são estudadas,

⁷ Em quase todos os exemplos, como neste, é notório o betacismo típico do falar nortenho.

⁸ Que, contrariamente ao que acontece em PB, não pertence à norma padrão em PE.

que saibamos, como não dar fé = não reparar; um ror de = muita quantidade de; ela taba tira boi tira baca = não estar a fazer nada de jeito. Por exemplo, “de caminho vamos ao café” quer dizer que, num futuro próximo, vamos ao café, utilizando o espaço para falar do tempo. A expressão não significa que os interlocutores vão ao café quando estiverem de passagem para outro lugar, como poderia parecer. Tinham discutido longamente para decidir se iriam sair de propósito para tomar café fora de casa ou não.

Conclusões

Devemos acrescentar, antes de concluirmos, que, embora tenhamos selecionado exemplos isolados do contexto, estamos conscientes de que cada conversa deveria ser analisada de forma integral, tendo em conta todas as variáveis em causa, se queremos compreender os movimentos discursivos e argumentativos que as atravessam. Por exemplo: na conversa em que um grupo de estudantes de Mestrado está a preparar uma apresentação em powerpoint, há modalização epistémica, atenuadora de atos assertivos, através do uso frequente quer de “eu acho” quer de “se calhar”, para diminuir o desacordo e permitir salvaguardar a face dos outros, de forma aceitável para todos os intervenientes. Em 29 minutos de gravação, há 9 ocorrências de “se calhar” e 14 de “eu acho”, que visam modalizar a opinião que se segue, já para não falar de outros elementos de atenuação como os diminutivos (“Queres falar nesta parte também? / porque eu acho que falas muito pouquinho”).

Numa conversa entre uma jovem e a sua avó que deixou Angola, na sequência da independência do país, em 1975, a propósito das dificuldades que a família de refugiados afrontou na sua chegada a Portugal, os diminutivos muito frequentes visam mostrar que a locutora atravessou uma má fase e viveu na penúria (peruzito, bolito, quartinho, vinhito). A avó emprega muitos marcadores conversacionais de busca de aprovação discursiva (não é?, sabes como é) para construir a cumplicidade com a neta. Estes pretendem que o seu ponto de vista seja melhor aceite, até porque

a locutora suspeita que ele não é partilhado pela interlocutora, que já não viveu os acontecimentos históricos em causa.

Procuramos mostrar que há muito trabalho a desenvolver para descrever os usos em Português Europeu, sobretudo em conversas espontâneas. A falta de descrições não ajuda os investigadores que pretendem fazer estudos comparativos entre línguas românicas, como propõe Pop (2012), ou mesmo entre PB e PE, para só falarmos destas duas variedades de português. Para esta comparação, seria preciso termos em conta as particularidades de cada uma delas, tal como são usadas pelos locutores reais.

Recenseamos um conjunto de fenómenos linguísticos e discursivos que não foram descritos pelas gramáticas portuguesas e colocam problemas tanto à tradução literária (por exemplo, quando os escritores pretendem imitar interlocuções espontâneas nos diálogos das suas obras), quanto ao ensino do Português Língua Estrangeira, uma vez que os estudantes aprendem com base na descrição da norma padrão e da língua escrita e muito raramente tendo em conta o uso e a oralidade, sobretudo a oralidade espontânea.

REFERÊNCIAS

BLOMMAERT, J.; VARIAS, P. The importance of unimportante language. **Multilingual Margins**, Bellville, v.2, n.1, p.4-9, 2015.

BRIZ A. A atenuação e os atenuadores: estratégias e táticas. **Linha d'Água**, São Paulo, v.26, n.2, p.281-314, 2013.

BRIZ, A.; Val.Es.Co. **Corpus de conversaciones coloquiales**. Madrid: Arco-Libros, 2002.

CARREIRA, M. H. La récréation littéraire de l'oral en portugais. In: CARREIRA, M. H. A. (Org.). **Les rapports entre l'oral et l'écrit dans les langues romanes**. Paris: Université Paris 8, 2012. p.329-342.

DUARTE, I. M.; CARVALHO, A. Discours rapporté dans l'oral informel: l'imprécision. In: BERRENDONNER, A.; HANSEN,

M.-B. M.; ZAFIU, R. (Org.). CONGRÈS INTERNATIONAL DE LINGUISTIQUE ET DE PHILOGIE ROMANES, 27., 2016, Nancy. **Actes:** Section 10: Linguistique textuelle et analyse du discours. Nancy: ATILF, 2016. p.85-94.

DUARTE, I. M.; MARQUES, A. Cá e lá: atenuação, reforço e outros valores modais em PE. In: BATISTA, M. de F. B. de M. (Org.). CONGRESSO INTERNACIONAL DE SEMIOTICA E CULTURA (SEMICULT), 1., 2014, João Pessoa. **Anais...** João Pessoa: Mída Gráfica, 2014. p.381-392.

DUARTE, I. M.; PONCE DE LEON, R. Los marcadores assim mesmo (mesmo assim) / asimismo en portugués y en español. In: SARRAZIN, S.; AZZOPARDI, S. (Org.). **Langage et dynamique du sens:** études de linguistique ibéro-romane. Bern: Peter Lang, 2015. p.125-141.

DUARTE, I. M.; PONCE DE LEON, R. Aliás: diferencias de empleo en portugués y en español. In: DELBECQUE, N.; DELPORT, M.-F.; MICHAUD MATURANA, D. (Org.). **Du signifiant minimal aux textes:** études de linguistique ibéro-romane. Limoges: Éditions Lambert-Lucas, 2013. p.137-152.

DUARTE, I. M.; SILVA, F. Revisitação do discurso relatado no ensino- aprendizagem do PLE. In: CIAMA, A.; TELETIN, A. (Org.). **Tempo, espaço e identidade na cultura portuguesa:** desafios e perspectivas. București: Ed. Universității din București, [20-]. 2 v. No prelo.

HILGERT, J. G. A construção do sentido e da compreensão na conversa, mostrada em procedimentos meta-enunciativos. **Linha d'Água**, São Paulo, v.25, n.2, p.107-129, 2012.

JOHNEN, T. La représentation écrite de l'oral dans des méthodes de Portugais Langue Étrangère. In: CARREIRA, M. H. A. (Org.). **Les rapports entre l'oral et l'écrit dans les langues romanes.** Vincennes: Université Paris 8., 2012. p.307-328.

LEECH, G. **Principles of pragmatics.** London: Longman, 1983.

MARQUES, A. O modalizador se calhar: efeitos de sentido. **Estudos Linguísticos / Linguistic Studies**, Lisboa, [201-]. No prelo.

MARQUES, A. O discurso relatado em interações orais coloquiais. In: MARQUES, A.; REI, X. M. S. **Revista Galega de Filoloxía**: monografia 10: novas perspectivas linguísticas no espaço galego-português. Coruña: Consorcio Editorial Galego, 2015.p.89-109.

MARQUES, A. Linguagem coloquial e modalização. **Redis**: revista de estudos do discurso, Porto, n.3, p.94-106, 2014.

MATOS, S. A cultura pela língua: algumas reflexões sobre pragmática (inter)cultural e ensino-aprendizagem de língua não materna. In: DUARTE, I. M.; OLIVEIRA, F. (Org.). **O fascínio da linguagem**: actas do colóquio de Homenagem a Fernanda Irene Fonseca. Porto: Universidade do Porto, Faculdade de Letras e Centro de Linguística, 2008. p.391-406.

MARTIN ZORRAQUINO, M. A.; PORTOLES LAZARO, J. Los marcadores del discurso. In: BOSQUE, I.; DEMONTE, V. (Org.). **Gramática descriptiva de la lengua española**. Madrid: Real Academia Española, 1999. p.4050-4213.

MAURY-ROUAN, C. Le flou des marques du discours est-il un inconvénient? Vers la notion de ‘leurre discursif’. **Marges linguistiques**, Paris, n.2, p.163-176, 2001. Disponível em: <<https://hal.archives-ouvertes.fr/hal-00135440/document>>. Acesso em: 15 set. 2017.

MIHATSCH, W. Desde la aproximación a la atenuación: un canal de pragmaticalización en cuatro lenguas románicas. In: SIMPOSIO INTERNACIONAL: MARCADORES DISCURSIVOS NAS LINGUAS ROMANICAS: UM ENFOQUE CONTRASTIVO, 4., 2015, Heidelberg. **Présentation orale**. Heidelberg: Universität Heidelberg, 2015. p.146-147.

POP, L. Segmentations linéaires, hiérarchiques et «profondes». **Studia UBB Philologia**, Lix, n.4, p.51-67, 2014.

POP, L. De l'oral à l'écrit: articulation micro et macro-syntaxique. In: CARREIRA, M. H. A. (Org.). **Les rapports entre l'oral et l'écrit dans les langues romanes**. Vincennes: Université Paris 8, 2012. p.75-93.

RAPOSO, E. P. et al. **Gramática do Português**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2013.

SANDRE, M. **Analyser les discours oraux**: approche pluridisciplinaire. Paris: Armand Colin, 2013.

VOGHERA, M. Chitarre, violino, banjo e cose del genere. In: THORNTON, A. M.; VOGHERA, M. (Org.). **Per Tullio De Mauro**: studi offerti dalle allieve in occasione del suo 80° compleanno. Roma: Ed. Aracne, 2012. p.341-364.

